

SUICÍDIO NA POPULAÇÃO TRANS: UMA RESPONSABILIDADE DO SOCIAL E NÃO UMA CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA.

Clara Macena Fontenelle¹
Daniel Silva Guedes²

RESUMO:

O presente trabalho objetivou investigar o suicídio, como ele é entendido e visto, dentro da comunidade trans, abordando diversas perspectivas, é de metodologia qualitativa baseando-se em entrevista semiestruturada. O referencial teórico utilizado tomou por base os estudos de Émile Durkheim (1999) sobre suicídio como fato social, pois debruça-se as questões sociais que implicam na morte de pessoas trans. O estudo foi bem sucedido pelo leque de vivências que puderam ser ouvidas e compartilhadas, um ponto crucial nos resultados foi poder perceber influência da aceitação da sociedade, principalmente núcleo familiar, nas respostas dos sujeitos e sujeitas entrevistados. Obtivemos, também, resultados para além do planejado no início da pesquisa, como a perspectiva trazida por Alex, que fala sobre a negação da sua identidade como uma maneira de suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Transgênero. Sociedade.

INTRODUÇÃO

No Brasil, há algum tempo tem-se discutido acerca da saúde da população LGBT, principalmente das pessoas Trans, que tem ganhado cada vez mais visibilidade, considerando esta tanto de forma positiva quanto negativa. O Brasil ainda é o país que mais assassina pessoas Trans no mundo, de forma cruel e explícita, apesar de por vezes essas pessoas serem invisibilizadas por diversos fatores, entre eles: estar em situação de rua.

Entretanto, para além dos assassinatos noticiados em sites e reportagens televisivas, existem as violências veladas a nível de discurso, de ato, de convívio. Destas violências citadas, parte delas advém de instituições sociais conhecidas e “respeitáveis”, como é o caso da escola, da igreja e da família.

Estes indícios violentos em instituições sociais podem desestruturar o indivíduo que a vivência, com isso pode-se até questionar se sua vida é mesmo necessária, a isso justificaria-se o suicídio, apontado por Durkheim (2000) enquanto fato social, ou seja, um resultado da vida em sociedade. Com isso, ainda, o autor acredita que as formas que devemos agir, nos portar, conviver, é ditado socialmente e todas as pessoas que fogem a essa normatividade são recriminados, logo o suicídio é uma resposta a isto.

¹ Graduando de Psicologia (Faculdade Católica do Rio Grande do Norte). E-mail: claramacenaf@gmail.com

² Professor Substituto do Magistério Superior (Universidade Federal Rural do Semi-Árido); Graduado em Letras com habilitação em Libras (Universidade Federal Rural do Semi-Árido). E-mail: daniel.guedes@ufersa.edu.br

Etimologicamente, ou seja, pela construção da palavra *suicídio* entende-se por “ação de matar (*caederes*) a si (*sui*)” e é oriunda do latim, entretanto, partindo para a perspectiva do Durkheim (2000), o suicídio é um fato social, de responsabilidade da sociedade que rodeia o indivíduo e não o contrário, não há uma menção à ‘culpa’, há apenas uma responsabilização, logo que o sujeito não se vê no padrão imposto socialmente ele conclui que a única saída é ceifar a sua vida, isto é resultado de uma negação de espaços sociais, como defende o sociólogo Durkheim (2000).

Entretanto, em contrapartida, existe o teórico Solomon (2002, pág 248) que afirma “Não existe nenhuma relação forte entre a gravidade da depressão e a probabilidade do suicídio: alguns suicídios parecem ocorrer durante disfunções severas...” isto é, apesar do suicídio ser dissociado da depressão ainda é encarado como algo de origem patológica e sintomática, aqui este autor retira a responsabilidade do social e coloca-o tão somente no sujeito.

Discutir sobre a perspectiva e expectativa de vida das pessoas trans por assassinatos é algo recorrente, entretanto há uma importância de se falar sobre o suicídio dessa população em situação de vulnerabilidade social e de se mostrar, por vezes, se há a intenção do suicídio como uma resposta a esse fato social ou não, tornar a situação visível por vias escritas e acadêmicas é trazer esse debate ao centro e mostrar a situação quanto real e palpável.

Para isto, o presente estudo objetiva de forma geral discutir o suicídio como fator social implicante da morte de pessoas trans, abordando as perspectivas que esses sujeitos possuem sobre o suicídio, como ocorre o contato com sua família compreendendo ainda se existem implicadores acerca da publicização da identidade de gênero ou não, internacionalizando também com a classe econômica da qual estes sujeitos se encontram.

METODOLOGIA

A pesquisa valeu-se de metodologia quanti-qualitativa com entrevista semi-estruturada, por considerar a quantificação desses sujeitos uma forma de apagamento às suas subjetividades, ao local de esquecimento de suas narrativas, focando tão somente em um trabalho de quantidade, e é a essa posição que o estudo se contrapõe, por compreender que esses sujeitos vão para além do quantificável e até mesmo do dizível.

A abordagem qualitativa nesta pesquisa, embasa-se pela discussão apresentada por Minayo (1994, 2000), como uma perspectiva da compreensão de questões particulares, bem

como evidenciar uma realidade, esta não pode ser tão somente quantificada, o estudo aproxima-se de universos com múltiplas significações e subjetivações.

A autora reitera ainda que qualquer investigação social, tal qual esta aqui proposta, precisaria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo. Corroborar-se ainda de Minayo (2002, p. 22-23):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Consequentemente, ao abordar os estudos acerca de um objeto ainda em seus primeiros passos, com a investigação de uma população em específico posta em situação de vulnerabilidade, deve-se considerar ainda que não podemos reduzir tão somente esse grupo a um grupo, desconsiderando perspectivas variáveis em suas vivências e perspectivas, constituintes da subjetividade desta pessoa. A realidade das pessoas transgêneros/transsexuais não pode ser apenas quantificada, posto que se faz esquecer os sujeitos quanto subjetivos, possuidores de sentimentos, desumaniza a fundo as pessoas.

Portanto, valeu-se de uma entrevista semiestruturada pensada para contemplar de forma equivalente os objetivos dessa pesquisa bem como contemplar a vivência da pessoa que pôde contribuir para o estudo, com isso, não prendendo-se a questões específicas e objetivas, onde pôde-se contemplar a narrativa de forma livre e espontânea.

Foram aplicados 5 (cinco) questionários, com 5 (cinco) pessoas nos locais as quais se sentiram mais confortáveis em realizar a pesquisa e onde pudesse ser feita a captura de áudio dessa entrevista, por vezes utilizou-se da linguagem informal para fazer com que as pessoas ficassem confortáveis e pudessem explanar como quisessem acerca das perguntas feitas, o questionário utilizado consta como ANEXO I. A posteriori, foi feita a transcrição da narrativa falada, que analisaremos mais à frente, entretanto, falaremos anteriormente acerca dos sujeitos.

Caracterização dos sujeitos

Transgênero é um termo que comporta homens e mulheres (trans é um recorte da palavra que serve para transexual e transgênero), pessoas que possuem identidade de gênero opostas ao atribuído em seu nascimento, para além desses, pertencentes à uma lógica binária, existem pessoas de gênero não-binário, outro termo, que inclui pessoas que não se identificam exclusivamente com o masculino ou com o feminino (binaridade de gênero).

Buscou-se, nesta pesquisa, sujeitos que permitissem alcançar o máximo de identidades possíveis, além de mais de um sujeito representante das identidades, para que pudéssemos ter uma pluralidade de respostas, permitindo que tivéssemos conteúdos suficientes para que exista também pluralidade de contextos sociais, sem apagar a subjetividade de cada pessoa. A escolha de mais de um representante para cada identidade deu-se para que fosse possível observar a existência de pontos que pertencem a pessoas que se identificam com determinada identidade, quais as demandas que existem na população T como um todo e uma gama de discursos distintos para compreender qual a influência do meio social nos seus possíveis sofrimentos ou ainda na ausência do mesmo.

Os entrevistados consistem em: duas pessoas não-binárias (Heitor e Alex), dois homens trans (Teo e Junior), e uma mulher, que durante a entrevista descobrimos ser intersexo e não trans (Tereza), como havíamos imaginado ao buscá-la como participante. Ressaltamos ainda que as identidades verdadeiras desses sujeitos foram omitidas, utilizamos portanto nomes fictícios.

Tivemos dificuldade em entrevistar uma mulher trans, pois havia uma esquiva ou até mesmo resistência por parte das que contatamos, havia a disponibilidade, entretanto elas não apareciam ou desmarcou de última hora. Todos os sujeitos estão inseridos em instituições de ensino, com exceção de Tereza, que é moradora de rua. Junior está no Ensino Médio e Teo, Heitor e Alex estão no Ensino Superior (a nível de graduação). A maioria dos entrevistados possui renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos, Junior, Alex e Teo, Tereza encontram-se, no período da realização dessa entrevista em situação de rua e pedem dinheiro para seu sustento, Heitor tem como faixa salarial de sua família entre 4 e 7 salários mínimos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como foi dito anteriormente, construímos a entrevista de maneira que permitisse a subjetividade de cada sujeito advir, tornando-se ponto fundamental na construção dos

resultados obtidos. A primeira entrevista realizada foi com Junior, quando lhe foi questionado sobre o fato da sua identidade ser de conhecimento da família, ele respondeu que já havia conversado com sua mãe, ele vive apenas com ela.

Ele conversou sobre todas as mudanças que deseja fazer no futuro, como cirurgias e terapia hormonal, contudo, mesmo com um diálogo compreensivo entre eles, não foi dito “com todas as palavras”, segundo o entrevistado, que é um homem. A entrevista de Junior foi uma surpresa por se diferenciar de boa parte das narrativas da população T, pois ele afirma que sua relação com a mãe, depois de começarem discutir tais assuntos, melhorou e hoje considera-se mais próximo dela e que existe uma relação de confiança entre eles.

Quando lhe foi questionado sobre a questão do suicídio em sua vida, respondeu que havia pensado, tentado, contudo havia sido em outro momento da sua vida e que hoje isso não mais lhe ocorria, considerava-se um “cara esperançoso”.

Dentro desse discurso já foi perceptível a importância do meio social na manifestação de ideias suicidas do indivíduo, pois em contraponto a sua resposta existiu a resposta de Teo, que também é homem trans e trouxe em seu discurso incompreensão por parte da família, conflitos, violências verbais que sofria dentro de casa que o levou a sair de casa duas vezes, da segunda vez que saiu decidiu por não mais voltar.

Sua resposta ao questioná-lo sobre o suicídio trouxe a demanda da sociedade ao afirmar que já havia pensado e realizado tentativas, deixa isso bem claro quando diz que ao passar por situações violentas e onde outras pessoas invalidam sua identidade é quando tem o suicídio como opção, “já tenho tantos problemas, as coisas já são tão difíceis, se as pessoas não me querem aqui por qual motivo eu deveria estar? Se não posso morrer pelas forças do universo, vou morrer pela minha própria força”.

Heitor, de identidade não binária trans masculino, tem como resposta para a mesma pergunta que ao saber do tempo médio de vida de uma pessoa trans, considerado curto pelo mesmo, e a necessidade de pessoas e do apoio de delas durante a vida que é colocado em risco durante a transição, ele vê como inevitável ver a morte como possibilidade.

Tereza, mulher intersexual, mesmo vivendo em situação de rua, se mostrou muito tranquila quanto à sua perspectiva de vida, não se apegando a ideia de suicídio, quando perguntamos a ela, ela nos disse que não era uma possibilidade, que vivia bem e se apegava ao sonho de sair da rua e trabalhar em um restaurante. Ela nos disse “eu quero montar um restaurante pra mim, porque eu sei cozinhar e eu posso crescer” e ainda completou, mais à frente em sua fala “eu quero trabalhar, porque daqui pra frente a vida continua”. Foi

surpreendente encontrar narrativas com esperanças diante do contexto social em que vivemos, é incerto e impreciso dizer por qual motivo ela não cogitou essa possibilidade mesmo estando em situação de vulnerabilidade, por qual motivo ela contraria tudo e de onde se ergue.

Outra perspectiva interessante e inesperada com a qual nos deparamos foi a resposta de Alex, pessoa trans não binária, para a mesma pergunta sobre o suicídio, ela trouxe o suicídio não é apenas como ato de assassinato a si, mas nos dias em que ela se nega, nega sua identidade é para ela uma forma de suicídio, não havia essa perspectiva em nosso imaginário antes de realizarmos a pesquisa, mas que ao refletirmos sobre nos deparamos com o sentido que há, se o suicídio consiste na não existência de vida daquele ser, a qual se fala, por que pessoas trans ao negarem sua identidade, questionarem o seu jeito de ser no mundo pelo que os outros pensam, fazem ou deixam de fazer para com elas, não é uma morte realizada pelo sujeito para com ele mesmo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências presentes no artigo através das entrevistas possibilitaram a confirmação das hipóteses iniciais do trabalho, foi possível perceber como o vínculo familiar é primordial no enfrentamento da transfobia pela sociedade, pois o entrevistado que possui um laço forte e aceitação por parte da sua mãe foi o que se colocou como “cara esperançoso”. Em paralelo outro participante trouxe que a publicização da sua identidade tornou a convivência com sua família um lugar violento, este trouxe em sua fala como os comentários da sociedade são gatilhos diariamente para ele. Podemos assim perceber que a família tem um destaque importante para o sujeito e a sociedade está como um coadjuvante, que pode potencializar o sofrimento do sujeito.

Uma perspectiva não analisada no começo que surgiu como ponto importante na pesquisa foi a visão da participante Alex sobre o suicídio: a negação da sua identidade. Ela trás que questiona-se e nega-se ao retornar a sua cidade de origem onde mora sua avó, ou seja, ao retornar ao seu convívio familiar que existe uma falta de linearidade na aceitação por parte da sua família ela torna a questionar-se, mas não alega em seu discurso uma frequência nesse questionamento quando a família não está presente, mais uma vez mostrando a importância desta instituição social.

É importante ressaltar que família é um agrupamento de duas ou mais pessoas onde existe laço afetivo, existindo ou não ancestrais comum entre elas, os diversos sujeitos

presentes nesta pesquisa trouxeram uma pluralidade de famílias, avó e neta, mãe e filho, pais separados e irmãos, mãe e filhos sem ancestralidade.

Portanto é possível perceber que a questão do suicídio na comunidade trans é um reflexo de uma sociedade que os nega, os violenta e os invalida, os sujeitos que pensam no suicídio pensam nele como uma forma de encerrar os seus sofrimentos, encerrar uma série de violências diárias em suas vidas e são sujeitos que se sentem sozinhos, perdidos, onde seus problemas são maiores do que a sua própria vida.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: . (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

SOLOMON, Andrew. **Demônio do meio dia: uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.



ANEXOS

ANEXO I

Entrevista de pesquisa

- 1 - Qual seu nome?
Como você se identifica? Qual seu gênero?
- 2 - Você está de acordo em participar desta pesquisa?
- 3 - Você possui emprego?
- 4 - Qual a faixa salarial da sua família? (entre 1 a 3 salários mínimos; 4 a 7 salários mínimos; 8 a 12 salários mínimos; prefiro não comentar)

SEGUNDO MOMENTO

- 2 - Como é a relação da sua família com você? Algo mudou depois da publicização da sua identidade ou sua família ainda não sabe?
Se não sabe, existe algum motivo específico?
- 3 - Você faz acompanhamento psicológico? Se não, por qual motivo?
- 4 - Se faz acompanhamento psicológico, conseguiu perceber alguma melhora? O que te motivou a buscar esse atendimento?
- 5 - Você já pensou em cometer suicídio? Como se desenrolou esse pensamento para você?





ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa **Suicídio da população trans: uma responsabilidade do social e não uma culpabilização da vítima**. Que é coordenada por **Clara Macena Fontenelle**.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa procura investigar, a partir de entrevista semiestruturada com pessoas trans do município de Mossoró/RN, que objetiva discutir o suicídio como fator social implicante da morte de pessoas trans, investigando também a situação de vulnerabilidade psicológica desta população. Essa pesquisa apresenta-se como um instrumento de valorização e evidenciação da socialização e existência de um grupo colocado às margens da sociedade, mas que tem por meio das lutas da comunidade que o compõe, tentam encontrar um espaço significativo não só no âmbito social, mas educacional e profissional, além das garantias de políticas públicas.

Caso decida aceitar o convite, o sujeito será submetido ao seguinte procedimento: entrevista narrativa oral. Será realizada no local de escolha do entrevistado, desde que seja um espaço tranquilo e favorável para a realização das entrevistas narrativas e captura de áudio para posterior transcrição e análise dos dados.

Os riscos envolvidos com sua participação: ao falar sobre suas experiências no seu processo e publicização e descoberta da identidade, a pessoa participante da pesquisa pode apresentar algum tipo de desconforto e sofrimento, que será minimizado através da seguinte providência: estaremos atentos a qualquer desconforto e, não vamos explorar falas que trazem angústia para a pessoa participante da pesquisa. Se desejar, interromperemos a qualquer momento a entrevista.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: ao falar sobre suas experiências e vivências, pode ter a possibilidade de compreender melhor seu processo de transição bem como compartilhar de sua angústia a fim de buscarmos, para além de evidenciar a situação de vulnerabilidade, políticas públicas cabíveis, dando outro sentido às suas experiências. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Se você tiver algum gasto que seja devido à sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite.

Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.



Você ficará com uma cópia deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para **Clara Macena Fontenelle** pelo telefone **(84) 99944-1164 (whatsapp)** e/ou com o Professor **Daniel Silva Guedes**, orientador deste estudo, na **Rua Celso da Costa Rego, 290, ap 301 B - Sumaré. Mossoró/RN. ou pelo número (84)98821-5713**

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa **Suicídio da população trans: uma responsabilidade do social e não uma culpabilização da vítima.**

Participante da pesquisa:

Pesquisador responsável:

Clara Macena Fontenelle

Mossoró (RN), 2019